

# PESCADORES DA PONTA DO CAJU \*

## ASPECTOS DA CONTRIBUIÇÃO DE PORTUGUÊSES E ESPANHÓIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESCA NA GUANABARA

LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES

O fato de o Brasil ter sido colonizado por portugueses, de tradição pesqueira, não influiu no sentido de um grande desenvolvimento da pesca entre nós, durante o período colonial. Várias restrições dificultavam, mesmo, o estabelecimento das chamadas armações de pesca. Contudo, era o peixe uma das bases de alimentação das populações estabelecidas no litoral e, à medida que progredia a ocupação da região e crescia a cidade do Rio de Janeiro, a pesca foi, lentamente, tomando incremento<sup>1</sup>. As margens da baía de Guanabara, como no litoral fluminense, foram-se, pois, criando pequenos agrupamentos de pescadores que vendiam o pescado fresco ou salgado, para o Rio de Janeiro.

O crescimento desse mercado originou a multiplicação dos pequenos núcleos de pesca na Guanabara, aí tendo vindo se estabelecer desde o século XIX numerosos portugueses que se dedicaram a êsse mister. Entretanto, até o início do século atual mantiveram-se os mesmos processos tradicionais, já descritos pelos cronistas do tempo da colônia: a pesca de linha, o arrastão e os currais.

### I — AGRUPAMENTOS DE PESCADORES DA GUANABARA

Em tôrno da baía da Guanabara, em função de sua piscosidade e da existência em suas margens da grande aglomeração urbana do Rio de Janeiro, a que se somam Niterói, São Gonçalo e outras cidades satélites, constituiu-se uma importante concentração de pescadores. Distribuem-se êles em diversos núcleos que se formaram, espontaneamente: 1) nas praias que, em certos trechos, bordejam a baía e nas ilhas nela situadas, 2) em plena área urbana, como é o caso da Ponta do Caju e da praça Quinze de Novembro, onde as praias primitivas foram substituídas por cais acostáveis. Nas ilhas do Governador e Paquetá, em certos recantos às margens da Guanabara como em Piedade e outros pontos do município de Majé (estado do Rio de Janeiro), bem como em Maria Angu e Inhaúma no Distrito Federal, são encontrados, atualmente, pequenos núcleos de pescadores. Contudo, os mais importantes, onde a pesca ao largo teve maior desenvolvimento, são os da praia de

\* Comunicação apresentada ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, setembro de 1957.

<sup>1</sup> Em "Notas sobre o desenvolvimento da pesca no litoral do Rio de Janeiro (*Boletim da Seção Regional do Rio de Janeiro, Associação dos Geógrafos Brasileiros, ano II, n.º 1, jan-março*) referimos a evolução dos processos de pesca desde as armadilhas e os anzóis primitivos dos indígenas e o aparecimento dos núcleos de pescadores no litoral do Rio de Janeiro.

Jurujuba, ilha da Conceição e São Gonçalo, na margem oriental da Guanabara e na ocidental, o da Ponta do Caju e o da praça Quinze de Novembro.

Entre os agrupamentos citados, os primeiros se dedicam, sobretudo, à pesca na própria baía e nas embocaduras dos rios que nela deságuam. Os aparelhos utilizados são ainda os tradicionais<sup>2</sup> e, mesmo, na margem norte da baía ainda são encontrados currais, embora sejam êles proibidos desde longa data<sup>3</sup>. Sòmente no que diz respeito à pesca do camarão, tem havido introdução de melhoramentos, tanto em Inhaúma e Maria Angu, quanto também e sobretudo, na ilha do Governador. Na ilha, onde até há bem poucos anos havia pequenos núcleos de pesca tradicional, essa modernização do serviço do camarão se revestiu de um caráter todo especial pois aí têm vindo se fixar pescadores portugueses e suas famílias, procedentes diretamente da terra de origem ou de outros núcleos mais antigos, na própria Guanabara.

Dos agrupamentos de pescadores mais próximos da zona urbana, ou mesmo nela encravados (São Gonçalo, ilha da Conceição, Ponta do Caju, praça Quinze de Novembro e Jurujuba), merecem ser considerados de início, os da praça Quinze e Jurujuba, pois delas é que saíram os primeiros barcos a pescar barra a fora. Os poveiros (da Póvoa do Varzim) aí sediados foram os primeiros pescadores a se aventurar no mar alto, com seus barcos a remo, trazidos com êles de Portugal. Ainda hoje é nesses dois núcleos de pescadores que êles são, proporcionalmente, mais numerosos, dedicando-se ainda de modo especial à pesca de linha, ao largo, nos parcéies dos Abrolhos e do Mar Novo (êsse no litoral da Ilha Grande)<sup>4</sup>.

Também se constituiu na praça Quinze, em função de localização nesse logradouro do Entreposto da Pesca, um importante centro de pesca de arrastão de alto mar, sendo numerosos os barcos, de vária tonelagem que aí fazem ponto. Com a participação de elementos nacionais das mais diversas procedências, além dos portugueses, alguns ilhéus e espanhóis, o núcleo de pesca da praça Quinze cresce dia a dia, pois tem aumentado progressivamente a procura do pescado. Êste se destina não sòmente ao consumo da própria Capital Federal e das fábricas de conservas dos arredores, mas, também a numerosas cidades do interior que se abastecem no Entreposto do Rio de Janeiro.

Se na praia de Jurujuba como na praça Quinze a pesca ao largo foi, desde cedo, a principal atividade dos pescadores aí concentrados, nos outros núcleos de São Gonçalo, ilha da Conceição e Ponta do Caju, mais interiorizados, somam-se as duas atividades, pesca do camarão na baía e de traineira, ao largo. Ambos êsses núcleos têm tido grande incremento nos últimos anos, com a expansão da pesca de traineira, acar-

<sup>2</sup> A propósito vide LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES e NITO BERNARDES "A pesca no litoral do Rio de Janeiro" *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII, n.º 1.

<sup>3</sup> Sòti as proibições que de algum ôs e os currais, informações preciosas contém FREDERICO VILLAR: *A Missão do Cruzador José Bonifácio*, Rio de Janeiro, 1945.

<sup>4</sup> Hoje em dia são utilizados barcos de 50 toneladas em média, nêles sendo transportados numerosos pequenos caíques que, ao chegar aos parcéies de destino o barco vai largando um a um

retada pelo aumento paulatino da potência dos barcos e do tamanho das rêdes, e com os progressos recentes do chamado "serviço do camarão".

O núcleo da Ponta do Caju merece atenção tôda especial. Antes de mais nada, por ser o maior dêsses agrupamentos e aquêle onde mais numerosos são os pescadores portugueses. Praticam êles, a um tempo, a pesca na Guanabara e ao largo, dedicando-se hoje, não só à pesca do camarão nos fundos da baía, como à da sardinha e de outros peixes maiores, com as traineiras. Situado em plena área urbana do Rio de Janeiro, permaneceu, apesar disso, ilhado na ponta de terra, onde se formou uma grande concentração de pescadores, em área extremamente reduzida. Para aí afluíram e continuam a afluir portugueses, espanhóis e também brasileiros, êstes originários, sobretudo, do litoral fluminense e espírito-santense.

Na origem e no crescimento dêsses núcleos de pescadores e, particularmente no caso do Caju, foi de grande importância o papel desempenhado pelos portugueses e, em menor escala, também pelos espanhóis. Vimos como os poveiros da praça Quinze e de Niterói foram os precursores da pesca ao largo. Do mesmo modo, nos outros pequenos grupos como o de Santo Cristo e da ilha de Santa Bárbara, hoje desaparecidos, eram quase sempre portugueses não só os donos dos barcos, das rêdes e dos currais, mas também os pescadores que com êles lidavam.

Apesar da lei de nacionalização da pesca (1921) e do incidente dela decorrido, em consequência do qual partiram para Portugal grande número de poveiros, os núcleos de pescadores da Guanabara ainda contam com elevada porcentagem de portugueses e filhos de portugueses<sup>5</sup>.

No último decênio, tem sido maior a afluência de portugueses não sômente para os núcleos onde, desde o início, êles eram numerosos, como também para outros, especialmente os das ilhas da Conceição e Governador, onde lhes é mais fácil encontrar moradia. Contudo, ainda é na praça Quinze e no Caju que os pescadores daquela nacionalidade são mais numerosos.

Quanto aos espanhóis, numericamente menos importantes, desempenharam função destacada na expansão do núcleo do Caju, no comêço do século. É exclusivamente para êsse local que continuam a vir pescadores dessa nacionalidade, dedicando-se quase sempre ao serviço do camarão. Nesta especialidade quase se equivalem em número, portugueses e espanhóis.

Se, é grande, numericamente, a importância de portugueses e espanhóis na pesca na Guanabara, sua contribuição para o progresso dessa atividade tem sido, sem dúvida, notável, pois a êles é que se deve, quase sempre, a introdução de técnicas mais modernas, para a pesca ao largo, como para a do camarão.

<sup>5</sup> A campanha movida pela imprensa contra o govêrno em face da lei de nacionalização da pesca foi violenta. Não tendo sido levados em consideração os protestos da embaixada de Portugal, o consulado português no Rio de Janeiro pôz à disposição dos pescadores e suas famílias, passagens de volta para a Europa. Muitos, no entanto, aqui permaneceram e outros, a bem dizer, só aproveitaram a viagem, voltando pouco depois.

# BIA DE GUANABARA

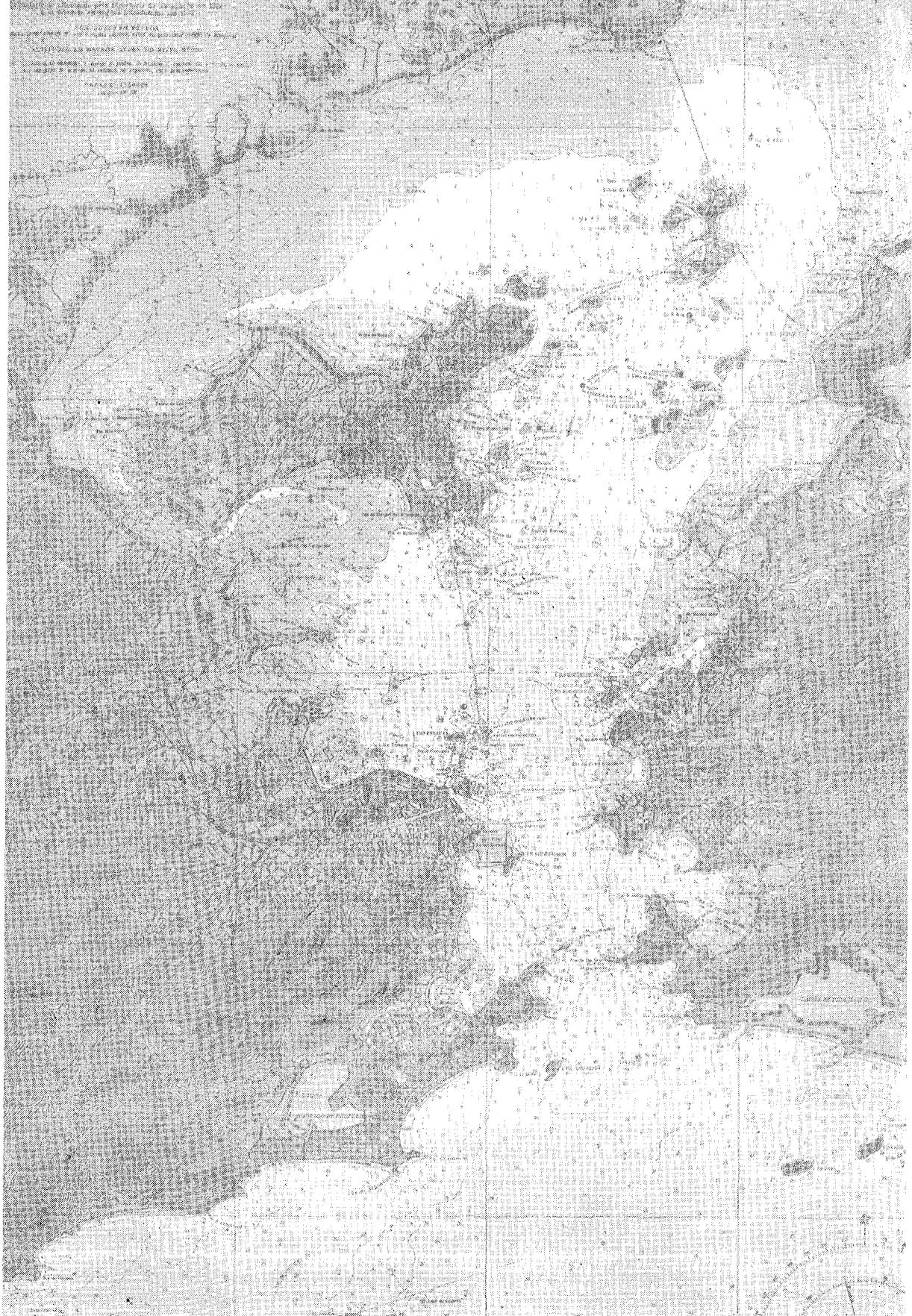


Fig 1 — Reprodução da fôlha da baía de Guanabara publicada pela Diretoria de Hidrografia e Navegação em 1938, não contém ainda essa carta os aterros recentes da margem oeste da Guanabara, inclusive o da Ponta do Caju, objeto de nosso estudo.

É sobretudo nos núcleos situados dentro da área urbana ou mais chegados a ela que se faz sentir, como vimos, a presença dos portugueses. Por outro lado, são êsses mesmos núcleos os que têm apresentado maior instabilidade, principalmente em consequência, mesmo, de sua localização urbana.

De modo geral, a localização dos aglomerados de pescadores da Guanabara se caracteriza por sua instabilidade e suas instalações revelam, em muitos casos, a precariedade dos núcleos. Na verdade, além do fator localização, outros têm contribuído para negar a êsses aglomerados a estabilidade que nêles se esperaria encontrar, tendo em vista o tradicionalismo arraigado e o forte espírito comunitário habitual entre os pescadores.

As mudanças ocorridas nas técnicas empregadas influíram, em alguns casos, para essa instabilidade. Assim, por exemplo, apesar da proibição que sôbre êles incidia, os currais, eram numerosos nas enseadas da margem ocidental da Guanabara, do Caju para o norte, e também nas ilhas e só foram sendo eliminados a partir da última década do século XIX. Donos de currais e pescadores que nêles trabalhavam mudaram-se, então, mais para diante. foram estabelecer seus engenhos nas margens lodosas do fundo da baía, onde, até os dias atuais, alguns podem ser encontrados. Em outros casos, a instabilidade dos pequenos núcleos de pescadores está ligada à introdução dos processos mais modernos de pesca ao largo, em barcos dia a dia maiores, requerendo pessoal mais numeroso. Dêsse modo, tem-se processado uma concentração de pescadores em determinados núcleos de mais fácil acesso, onde mais depressa se desenvolveram as técnicas pesqueiras de alto mar. Os núcleos da ilha da Conceição em Niterói, do Caju e, sobretudo, da praça Quinze de Novembro, exercem, dêsse modo, uma verdadeira atração sôbre os pescadores dos pequenos aglomerados, da Guanabara, do litoral fluminense ou mesmo de áreas mais distantes como Bahia e Santa Catarina. Migração temporária, contudo, na maioria dos casos, pois muitos são aquêles que, depois de uma temporada em traineira ou arrastão de alto mar, retornam ao seio de sua família.

O principal fator da instabilidade dos núcleos de pescadores da Guanabara é, no entanto, o progresso da urbanização, quase sempre ligada aos aterros, nas margens da baía. Em verdade, já vai longe o tempo em que a praia de Santa Luzia era freqüentada por pescadores e, onde outrora encostavam êles suas canoas, hoje erguem-se modernos edifícios. A importância dêsse fator na instabilidade dos núcleos de pesca é também verificada nas praias de barra a fora, como Copacabana e, mais recentemente, Itaipu, de onde os loteamentos têm expulsado os pescadores. Sobretudo no que hoje constitui a zona portuária, estendendo-se da praça Mauá até a Ponta do Caju e em tórno da praça Quinze de Novembro, é que as obras de urbanização mais têm influído sôbre as aglomerações de pescadores.

De fato, em Santo Cristo, ao pé do alinhamento rochoso que se estende do morro da Conceição para sudoeste e nas ilhas fronteiras (Santa Bárbara e Pombeba), havia até o começo do século atual grupos de pescadores que faziam seus arrastões ou aí mantinham currais (é o caso da ilha da Pombeba). As obras do atêrro que, no começo dêste século, originaram o bairro da Saúde, permitindo a construção do cais do Pôrto, expulsaram-nos daí e muitos foram se abrigar na Ponta do Caju ou na praça Quinze. Os da ilha de Santa Bárbara, ocupada pelo serviço de Bombeiros, fizeram o mesmo. Ao desaparecimento da praia aliou-se a valorização dos terrenos e a construção de armazéns e instalações industriais para expulsar os pescadores.

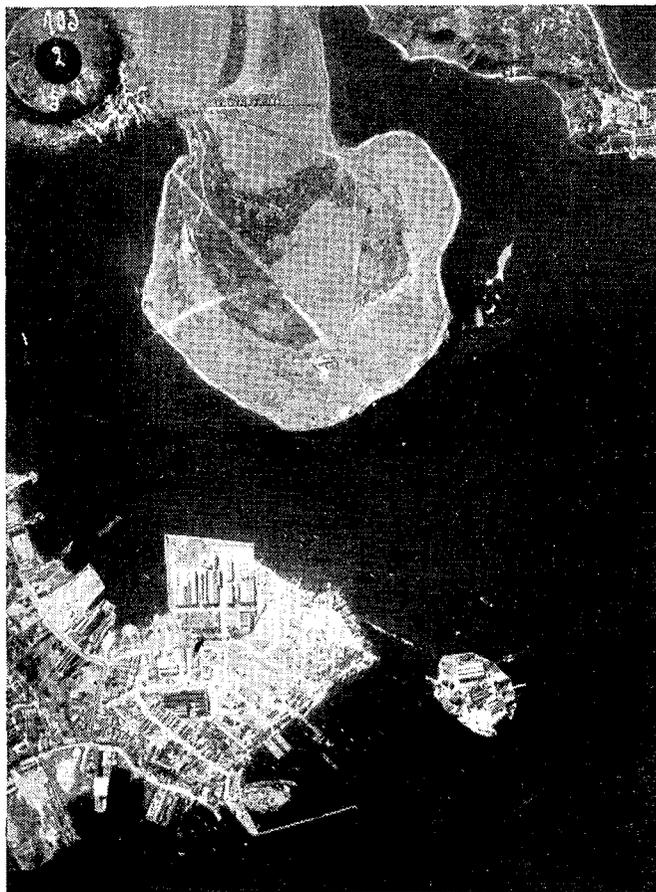


Fig 2 — Fotografia aérea da Ponta do Caju, em 1936, antes do atêrro que liga hoje ao continente a ilha dos Ferreiros. No morro já são numerosas as habitações, mas a densidade da ocupação é bem inferior à atual.

No caso do agrupamento de pescadores da praça Quinze de Novembro, embora êle já não se situasse à beira da praia, pois aí existia o Cais Pharoux, as obras de urbanização do Rio de Janeiro tiveram também conseqüências profundas. De fato até há poucos anos, residiam êles, sobretudo, nas ruas D. Manuel e da Misericórdia, cujos prédios foram em grande parte demolidos para construção da avenida Perimetral.

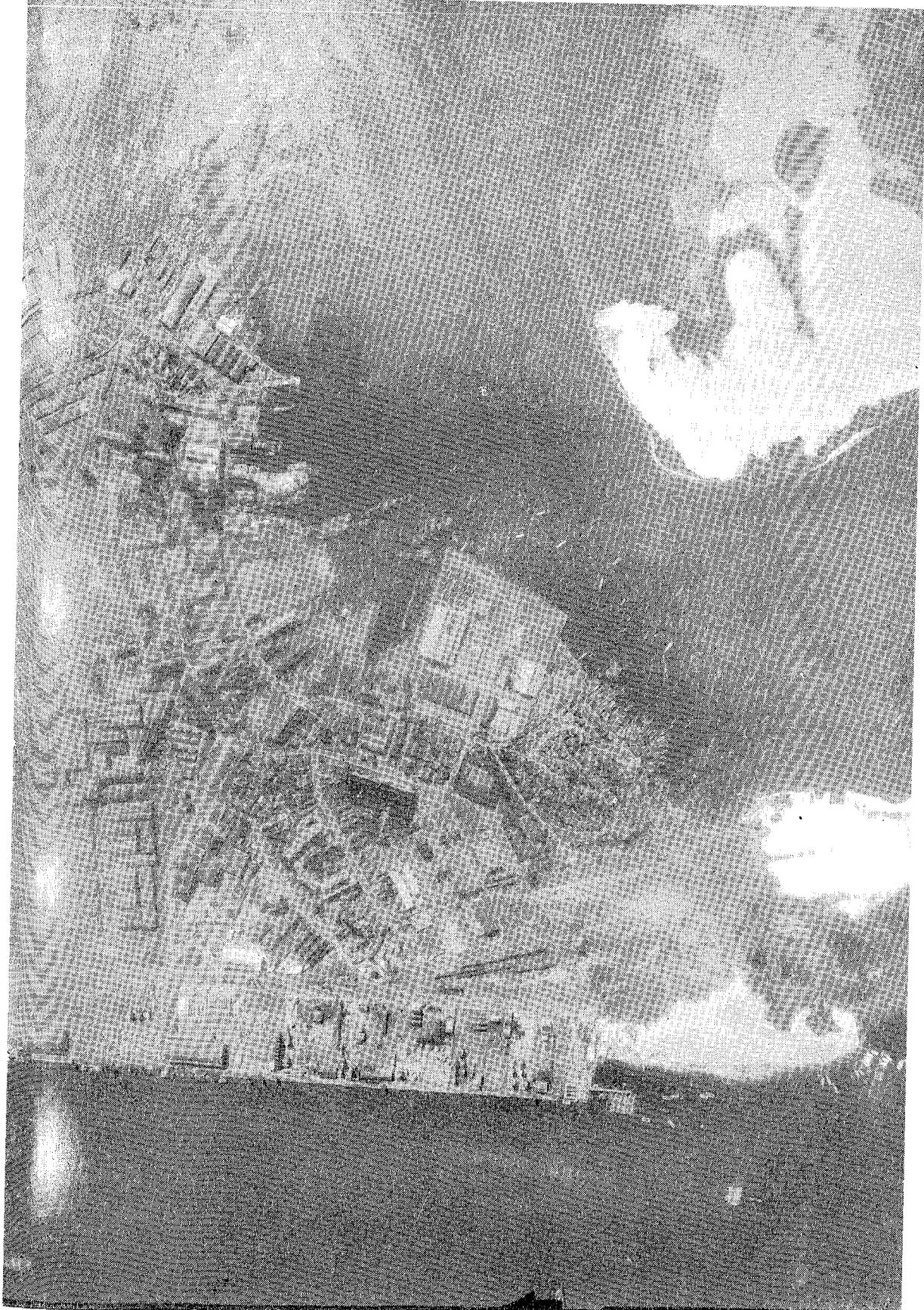


Fig 3 — Fotografia aérea recente da Ponta do Caju (1957), vindo-se a área aterrada, já parcialmente ocupada. As embarcações abrigam-se tôdas ao norte do morro já totalmente ocupado pelas casas dos pescadores. Ao pé do morro, na sua face nordeste, estaleiros e grandes armações para secagem das rédes.

Em vista dessas demolições dissolveu-se o agrupamento de pescadores. Se alguns ainda moram nos arredores da referida praça, a grande maioria dos que trabalham nos barcos de pesca que aí fazem ponto reside nos subúrbios, em Niterói ou em outras áreas deterioradas do centro da cidade, como em tórno da praça Quinze, da praça Mauá ou na Cidade Nova. Alguns também foram para o Caju. A função do centro pesqueiro da praça Quinze de Novembro persiste, no entanto, graças à presença do Entreposto da Pesca, junto ao qual vêm acostar os barcos

Na Ponta do Caju, portanto, se abrigaram pescadores vindos dos outros pontos — onde hoje não é mais possível êles se agruparem — o que contribuiu, sensivelmente, para o adensamento do núcleo. Contudo, também o núcleo do Caju está ameaçado. Ameaçado pela progressão do atêrro que já isolou a chamada praia do Caju, na face sudeste da ponta e, tendo ultrapassado a ilha dos Ferreiros, está contornando o pequeno outeiro sôbre o qual se constituiu o núcleo de pescadores

## II — ORIGEM E CRESCIMENTO DO NÚCLEO DE PESCADORES DO CAJU

Em dois locais diferentes, bem próximos um do outro — a praia e o morro do Caju — instalaram-se, nos fins do século XIX, os primeiros pescadores, sobretudo portugueses, germe da grande concentração atualmente existente.

Situa-se a Ponta do Caju entre as enseadas de São Cristóvão, a leste, e de Inhaúma, a oeste. Formada por colinas ligadas entre si e ao continente pelos progressos da sedimentação marinha, a Ponta do Caju goza de situação especial no litoral da Guanabara.<sup>6</sup> De fato, ao norte do Rio de Janeiro, com exceção do alinhamento dos morros da Providência-Conceição, ao pé dos quais se construiu a área portuária, é a Ponta do Caju o único local ainda acostável por embarcações de certo calado. Daí para o norte, os mangues dominam quase completamente às margens da baía, os fundos das enseadas são extremamente rasos e as ilhas aí formadas, muito numerosas. Essa circunstância, teve grande importância como veremos adiante, no crescimento do núcleo de pescadores estabelecido nessa ponta.

A praia do Caju foi uma das mais reputadas da capital durante o século XIX, aí tendo surgido uma rua residencial de gente abastada. Contava em 1878, 6 sobrados e 35 casas térreas<sup>7</sup>, ao longo de uma rua tôda calçada. Desde as primeiras décadas daquele século, construíram-se

<sup>6</sup> São apenas três morros: 1) O morro do Caju com pouco mais de 20 metros de altitude constitui a ponta propriamente dita, com cerca de 60 000 metros quadrados de área; 2) O de São Lázaro, bem maior e com cerca de 50 metros de altitude, situa-se atrás do arsenal de guerra e hoje está, parcialmente, arrasado. Liga-se ao primeiro pela praia do Retiro Saudoso; 3) Finalmente uma outra pequena elevação, mais baixa e de encostas mais suaves que as outras, localiza-se logo ao sul do morro do Caju. Nessa elevação vinha terminar a praia de São Cristóvão e, daí, até a extremidade da ponta estendia-se a pequena praia do Caju.

<sup>7</sup> Numeração dos prédios da cidade do Rio de Janeiro 1878

nessa praia os primeiros aterros e muralhas, visando a elevar o nível da rua, muito baixo, e impedir que ela fôsse inundada na maré cheia <sup>8</sup>

Duas outras ruas já existiam em 1878, por ocasião do levantamento feito visando à nova numeração dos logradouros da cidade. Uma era a praia do Retiro Saudoso (hoje rua Carlos Seidl), na face da península voltada para o norte. A outra, então conhecida por Santo Amaro do Caju (atual General Gurjão), começava no estrangulamento entre as praias do Retiro Saudoso e de São Cristóvão e seguia em direção à ponta pelo lado do interior, acompanhando a base do pequeno morro que marca o fim dessa praia. Ao fim dessa rua, estava situada a antiga "Quinta de banhos" do rei D. João VI, mais tarde denominada Imperial Quinta do Caju. Abandonada depois pelos imperadores, foi aproveitada durante muito tempo, para balneário <sup>9</sup>.

Entretanto, por sua situação, o bairro do Caju, como o de São Cristóvão, estava destinado a se transformar em zona, sobretudo, industrial, pois, se localizava a um tempo, próximo à cidade e junto ao mar, dispondo, ainda, de mais uma vantagem. bom ancoradouro A construção de uma linha férrea que aí devia ter início e era, na época, a única a chegar até o mar, veio completar as condições favoráveis a uma rápida industrialização.

Dos terrenos da Imperial Quinta do Caju partiriam os trilhos da E. F. Rio do Ouro, que aí iria ter sua estação inicial, em um molhe acostável. Ainda não findara o século e tinham sido construídos uma fábrica de tecidos, outra de velas e diversos depósitos. Nas primeiras décadas do atual século iriam se instalar na praia do Caju dois estaleiros <sup>10</sup>.

Enquanto tóda a Ponta do Caju passava por transformação tão profunda, a maior parte da Quinta que, com a República passara à propriedade federal, permanecia abandonada.

Essa a situação, quando no fim do século XIX, os primeiros pescadores portugueses começaram a procurar aquelas paragens.

Simultâneamente, foram-se formando os agrupamentos de pescadores na praia e no morro do Caju. Na praia, aos poucos abandonada pelos seus antigos moradores de classe abastada, as velhas residências, algumas até imponentes, passaram a ser ocupadas por grupos de pescadores. Entre êsses, predominavam os do Aveiro, o que ainda se dá até os dias atuais. Também aí se instalaram alguns espanhóis, em menor número, é verdade. Quanto ao morro, começou a ser ocupado também no fim do século XIX e, desordenadamente, pequenas casas de madeira aí se construíram. Entre os primeiros ocupantes, contavam-se alguns pescadores, ou, mais exatamente, donos e apanhadores de peixe dos currais. Saíam os três ou quatro, em pequenas canoas a remo, para

<sup>8</sup> Documentos, de 1833, do Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal, referem-se à necessidade de melhoramentos para esse logradouro que se tornava intransitável devido às marés

<sup>9</sup> Cf. documentos do Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal

<sup>10</sup> Cf. Documentos do Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal



Fig. 4

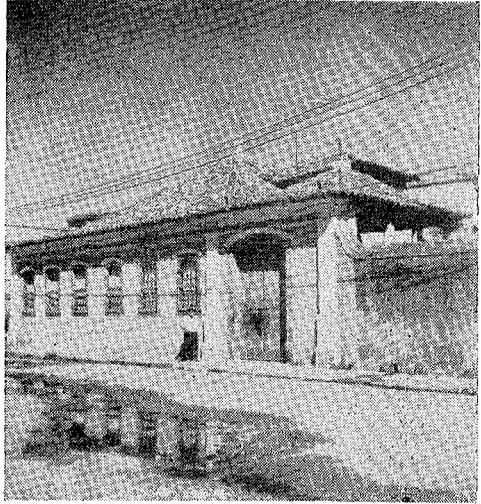


Fig. 5



Fig. 6

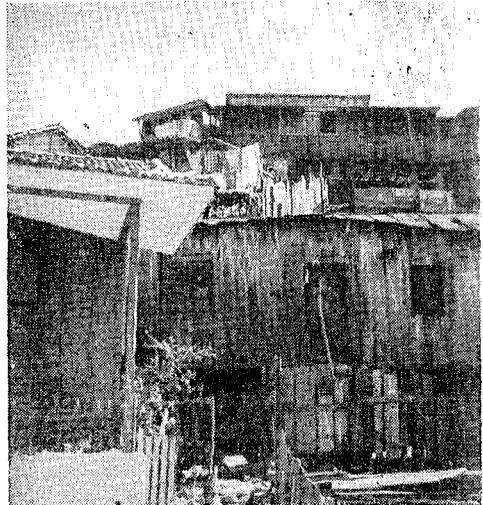


Fig. 7

Fig. 4 — Bela residência da praia do Caju, com fachada recoberta de azulejos, hoje ocupada por pescadores. Secando nas janelas vê-se uma rede de porias, o cesto para carregar o camarão e um pequeno sarco. Fig. 5 — Uma das casas antigas que lembram a primeira fase da ocupação da praia do Caju. Fig. 6 — Residência hoje ocupada pelos pescadores na praia do Caju, vendo-se no antigo jardim um telheiro recobrido o material de pesca. De pé, junto à porta do porão, hoje habitado, seu morador. Fig. 7 — Vista da encosta do morro do Caju, com o casario denso aí existente. Fotos Maurício Silva Santos

recolher o pescado nos currais das ilhas próximas<sup>11</sup>, levando-o diretamente, ao mercado. Ao pé do morro, onde ainda vinham bater as águas do mar, fundeavam suas canoas.

Mais numerosos foram, a princípio, os pescadores na praia, onde tôdas as casas iam sendo por eles ocupadas. Em 1906, nos quarenta e cinco prédios existentes nesse logradouro, residiam 570 pessoas<sup>12</sup>. Entretanto, com a introdução das traineiras (por volta de 1910), cujo emprêgo dispensava a existência de praias, tomou grande impulso a pesca

<sup>11</sup> Situam-se os currais nas ilhas dos Ferreiros, Sapucaia, Bom Jesus, Fundão, Pombeba e do Catalão.

<sup>12</sup> Cf. Documentos do Arquivo da Prefeitura do Distrito Federal

no Caju. No morro, onde o govêrno permitia a instalação de pequenas casas, em princípio provisórias, multiplicaram-se as novas moradias.

Num e noutro núcleo, era absoluto o predomínio dos portugueses. Muitos dentre êles, como já foi assinalado, vinham de outras antigas praias, do próprio Distrito Federal, onde se tornara impossível a pesca. Quanto aos espanhóis, eram ainda bem pouco numerosos.

A lei de 1921 forçou a naturalização da maioria dêsses velhos pescadores e, se alguns a isso se recusaram e seguiram de volta para Portugal, dentro de pouco tempo, quase todos estavam de regresso. Mesmo assim, reduziu-se, de certo modo, a chegada de novos elementos durante essa década e a seguinte.

A criação do Entreposto da Pesca, em 1934, viria, no entanto, dar grande impulso aos núcleos de pescadores. Até então, os que trabalhavam na pesca permaneciam sob a dependência dos comerciantes do Mercado Municipal, os quais, muitas vêzes, eram donos dos barços ou das rêdes. Liberando os pescadores dessa subordinação e abrindo-lhes o mercado consumidor, o Entreposto fêz renascer o interêsse pela pesca. Em conseqüência, multiplicaram-se as traineiras, já com barcos a motor, e, à medida que se ia ampliando a capacidade dêstes, alargava-se seu raio de ação.

Dessa maior atividade, decorreu nova fase de crescimento do núcleo. Já agora, não sòmente portugueses e espanhóis procuravam o Caju, mas também brasileiros, vindos, sobretudo, do litoral fluminense e espírito-santense e, de modo esporádico, de outros estados mais afastados. É essa a época da grande expansão dos dois núcleos, principalmente o do morro, uma vez que na praia, já quase não havia possibilidades de expansão e os cortiços aí existentes, não comportavam um número maior de moradores <sup>13</sup>.

Foi, pois, a partir da década de 1930, que a ocupação do morro do Caju começou a progredir mais ràpidamente. Completar-se-ia, no entanto, sòmente depois da segunda guerra mundial <sup>14</sup>.

Nos últimos anos, com os melhoramentos introduzidos na pesca do camarão, aumentando-lhe sobremodo o rendimento, a atração exercida pelo Caju sòbre os pescadores do litoral fluminense tem aumentado <sup>15</sup>. Vêm êles sòzinhos, sem família e, na maioria dos casos, não permanecem por muito tempo no serviço. Feitas algumas economias retornam para junto dos seus. Há, também, os que aqui se estabelecem em definitivo, geralmente os mais jovens <sup>16</sup>. Também têm-se engrossado nos últimos dois anos as correntes de portugueses e espanhóis, fôssem ou não pescadores, atraídos pelos lucros compensadores do serviço do camarão. Só aí se instalam, no entanto, os que não têm família, pois

<sup>13</sup> Um dêles, recentemente demolido, abrigou até há poucos anos, cêrca de setenta pescadores

<sup>14</sup> Da comparação das duas fotografias aéreas pode-se bem observar êsse fato

<sup>15</sup> Fato semelhante ocorreu em relação ao núcleo da praça Quinze que passou a atrair os pescadores da costa da Bahia, do Espírito Santo e mesmo do litoral de Santa Catarina, quando até aí se estendeu a zona de influência dos barcos de pesca, de linha e arrasto, daquele núcleo

<sup>16</sup> Consultando a relação dos associados da colônia de pesca que engloba os núcleos da Ponta do Caju e o da praça Quinze, vê-se que a residência indicada pela maioria dêsses pescadores é a de seu lugar de origem

não há mais onde construir uma casa, no morro, ou na estreita faixa de aterros, já bem antigos, que o circunda

É impossível precisar a procedência da maioria dos pescadores não brasileiros, pois, não sendo naturalizados, não têm eles, legalmente, o direito de se registrar como pescadores. Contudo, sabendo-se que, geralmente, os recém-chegados vêm a chamado de parentes ou amigos do mesmo lugar, pode-se ver, pela relação dos já naturalizados, que, a quase totalidade dos portugueses vem das praias do norte, e do centro do país afora, alguns poucos procedentes do Algarve. Ainda, aqui, no

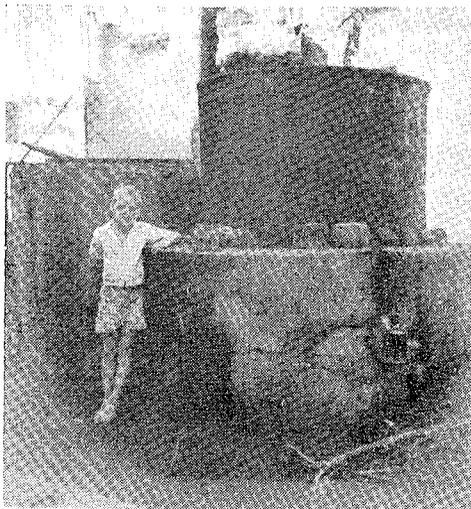


Fig 8

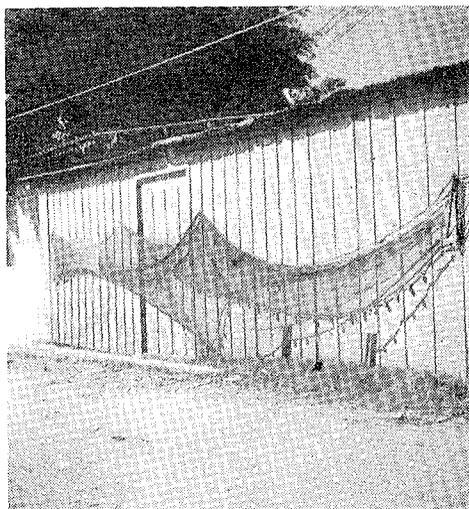


Fig 9



Fig 10



Fig 11

Fig 8 — Uma das muitas caldeiras, encontradas no Caju e destinadas à preparação das tintas para as rêdes. Foto Maurício Silva Santos. Fig 9 — Rêde de portas, uma das mais empregadas na pesca do camarão desde há dois ou três anos. Foto Maurício Silva Santos. Fig 10 — Um português, pescador de camarão, pela manhã, de volta do serviço. Às costas traz a rêde de portas que há pôr a secar e nas mãos carrega a cesta e o sarico indispensáveis ao serviço. Foto Maurício Silva Santos. Fig 11 — Aspecto parcial do estaleiro existente ao norte do morro do Caju, onde se executam construção e reparos em traineiras, do próprio núcleo ou da praça Quinze. Foto Heldio Lenz Cesar.

Caju os poveiros representam o grupo mais numeroso, embora inferior, proporcionalmente, à terça parte dos portugueses do núcleo.

Muitos, entre os recém-vindos, em Portugal não eram sequer moradores do litoral e nunca tinham sido pescadores.<sup>17</sup>

Ao mesmo tempo em que paulatinamente cresce o núcleo do morro do Caju, o da praia vai perdendo seus velhos pescadores. Há apenas cerca de cinco anos aí chegaram os aterros do Pôrto do Rio de Janeiro, expulsando, desde logo, os barcos de pesca que fundeavam junto à praia, para o único local em que os pescadores ainda têm acesso ao mar, ao norte do morro do Caju. Além disso, a proximidade da nova avenida que acompanha o cais recém-construído (avenida Rio de Janeiro) fez com que os terrenos se valorizassem e várias daquelas velhas residências, que eram ocupadas pelos pescadores, já foram demolidas para dar lugar à construção de depósitos de firmas comerciais.

Muitas foram as famílias, ou os pescadores isolados, que deixaram a praia, indo se instalar no morro ou então nas ilhas do Governador e Conceição. Somente para a Ponta do Caju, mudaram-se mais de cinqüenta pescadores, enquanto que a ilha da Conceição abrigou cerca de quinze famílias, e a do Governador outras cinqüenta. Os que permaneceram deixam seus barcos perto do morro, sejam eles canoas ou traineiras. Quanto às rêdes, são postas a secar nos terrenos ainda não construídos na avenida Rio de Janeiro. Contudo, apesar dêsse êxodo verificado na praia do Caju, nela ainda reside, aproximadamente, uma centena de pescadores. E mesmo, entre eles, muitos são recém-vindos, ainda sem suas famílias. Não tendo podido se alojar na Quinta por falta absoluta de espaço, na praia ainda conseguem se instalar, embora de modo precário. São cerca de vinte espanhóis e alguns portugueses os aqui chegados nos dois últimos anos.

Esse núcleo da praia sempre foi mais nitidamente português que o da Quinta, nêle predominando os elementos vindos do Aveiro. Ainda agora, são pouco numerosos os brasileiros, quase que somente os filhos dos velhos pescadores portugueses. Isso se explica pelo fato de que, quando o Caju começou a exercer forte atração sobre as populações de pescadores do litoral do Distrito Federal e do estado do Rio, já a praia estava densamente ocupada, enquanto que no morro da Quinta ainda havia espaço onde edificar um pequeno barraco.

Agora, contudo, na praia como no morro, não há mais onde abrigar novos moradores. Naquela, não são muitas as casas de residência, pois as demolições se sucedem, mas, apesar disso, a presença dos pescadores se nota, desde logo, pelas rêdes secando às janelas, ou pela existência, ao lado da casa, de um depósito para os petrechos de pesca, ou de uma

<sup>17</sup> Dos 168 portugueses residentes no Caju cujas fichas nos foi possível consultar, 52 eram naturais da Póvoa do Varzim, seguindo-se os do Aveiro (16), êsses em grande número moradores na praia do Caju. Além dêsses que se dizem naturais do Aveiro, há os que indicam como procedência Ilhavo (5), Ovar, Vagos e Gaifanha da Encarnação, o que dá à zona do rio Aveiro uma forte porcentagem. Também o conselho de Leiria (7) se faz representar com um número significativo, enquanto Figueira da Foz e Praia dos Buarres reuniam 7. Quase todos os núcleos de pescadores do litoral entre o Douro, e o Minho têm também algum representante no Caju. Contudo, é particularmente interessante a presença de pescadores que nasceram nos distritos de Viseu, Lamego, Vila Real ou Braga e só depois de aqui chegados se iniciaram nas lides da pesca.

caldeira para preparar as tintas destinadas às rêdes<sup>18</sup>. Na rua, os transeuntes revelam pelo seu tipo físico e seu trajar, sua origem e profissão; outros aí exercem, em plena via pública, suas atividades, tingindo as rêdes ou consertando-as<sup>19</sup>.

Se a fisionomia da praia do Caju revela, de imediato, sua função de núcleo de pesca, na Quinta isto é mais nítido ainda. Desde a presença de um estaleiro de barcos de pesca e, a cada passo, das caldeiras e dos tanques já referidos, até à especialização da melhor loja do lugar, na qual se vêem panos para rêdes (em peça), tintas, cabos, lampeões, arames, latas de óleo e outros artigos no gênero, tudo está a lembrar a atividade dominante do grupo.

Estreita e tortuosa, sem calçamento, a única rua existente na Quinta é a Circular que contorna o pequeno morro. Ao longo da mesma e nas encostas tudo está construído, tudo está ocupado. As casas que, em sua maioria, não passam de pequenos "barracos" de madeira, cobertos de telha, amontoam-se quase que umas sôbre as outras, e, se nos fundos de alguma delas uma pequena área fôra deixada desocupada, aí já se levantou outro casebre, às vêzes apenas um quarto. Nem tôdas as habitações aí encontradas, no entanto, são tão acanhadas e modestas; embora seja absoluto o predomínio das construções de madeira, há casas um pouco maiores, que não deixam de apresentar relativo conforto. São as mais novas e mais bem pintadas, com pequenas varandas agradáveis, construídas nas encostas mais íngremes. Em condições tão difíceis, fazem-se necessários alicerces de cimento que requerem maior emprêgo de capital. Em vista disso, as melhores casas, pintadas de cores alegres, são as mais visíveis, dependuradas no corte íngreme da encosta norte do morro. Também tem entrada pela rua Circular o estaleiro aí existente, que só trabalha em barcos de pesca, sobretudo construindo e reformando traineiras, estando, pois, intimamente ligado à vida do núcleo.

Se outrora o mar chegava até a rua Circular, foi êle recuando, progressivamente, em virtude dos pequenos aterros, pouco a pouco, realizados. Construída uma ala de casas entre a rua e a beira d'água, depois, por detrás dessas primeiras, outros "barracos" foram sendo levantados, pequenos corredores dando acesso ao mar. Êsse crescimento paulatino dos aterros, de acôrdo com as necessidades do núcleo, foi, no entanto, interrompido com as obras de ampliação do Cais do Pôrto, as mesmas que, isolando do mar a praia do Caju, já progrediram até a ilha dos Ferreiros e deixaram apenas, aos pescadores, uma pequena faixa rente ao mar. Nessa faixa, voltada para o norte, se situa o estaleiro, nela vêm fundear as traineiras, e, nela foram construídas, sôbre a água, grandes armações de madeira para secagem das rêdes. É aí que se sente a vida do núcleo, com o movimento de chegada ou partida dos barcos, os

<sup>18</sup> As caldeiras, de capacidade variável, podem ser aquecidas a óleo ou a vapor. Nelas são preparadas as tintas com cascas de murici. Em tanques construídos junto às caldeiras, faz-se a tintura.

<sup>19</sup> Um "mestre de rêdes" e seus auxiliares, antigos pescadores aí residentes, hoje trabalham somente para os barcos de arrastão de alto mar da praça Quinze. A rêde, trazida de caminhão, é por êles estendida ao sol, e reconstituída, recebendo depois nova tintura. Não havendo mais praia, todo êsse serviço é feito na calçada.

homens consertando ou tingindo as rêdes de traineira, os “sarricos”<sup>20</sup> dependurados nos mastros a secar. Aí, junto ao mar, ou na rua Circular, nos poucos bares ou frente à loja de ferragens já citada, é que o agrupamento do Caju se precisa como um centro de pesca, ativo e animado.

### III — CONTRIBUIÇÃO DOS PESCADORES IBÉRICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS TÉCNICAS DE PESCA NO CAJU

Possui o núcleo de pesca do Caju, como vimos, uma forte porcentagem de elementos portugueses, sendo também numerosos, atualmente, os espanhóis. Não nos é possível, precisar, numericamente, a importância desses pescadores ibéricos no grupo em questão<sup>21</sup> mas basta penetrar na Quinta para sentir pelo linguajar, pela maneira de vestir de seus moradores, uma atmosfera que os identifica.

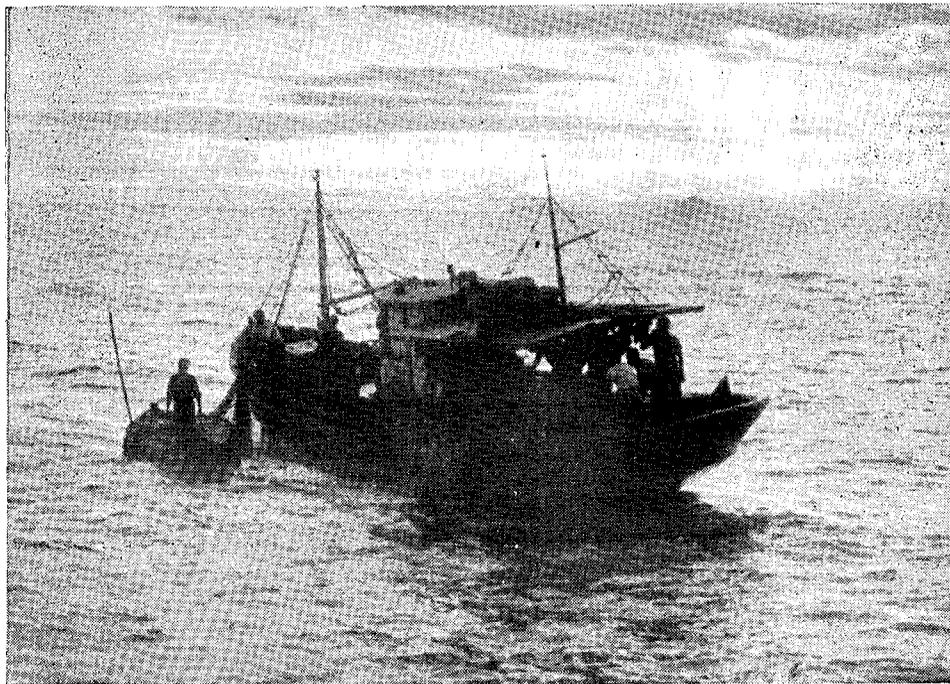


Fig 12 — Ao largo do litoral fluminense, uma traineira procedente do Caju recolhendo sua rêde. Foto Hans Mann (gentileza do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil)

Todavia, não apenas na vida do núcleo se faz sentir essa influência, sobretudo portuguesa. É, principalmente, nas lides de pesca, que ela é mais apreciável, desde os nomes dos barcos, evocando figuras e lugares de Portugal<sup>22</sup>, até os processos empregados para a obtenção do peixe

<sup>20</sup> Enxalavares pequenos, próprios para retirar o peixe capturado nas traineiras

<sup>21</sup> Não sendo permitido, por lei, aos estrangeiros ser pescadores, não há nenhum registro das pessoas que, realmente, trabalham na pesca. Os dados existentes na colônia de pescadores referem-se tão somente aos brasileiros e estrangeiros naturalizados, pois, a esses, ap nas, é oficialmente permitido pescar. A grande maioria dos que chegam, não podendo arcar com as despesas de naturalização, prefere pescar clandestinamente. De acordo com os dados da colônia (não atualizados) havia menos de 180 pescadores ibéricos trabalhando no Caju, para um total de pouco mais de 600 homens. As estimativas atuais contudo orçam em 1 500 o número de pescadores residentes na Quinta e na praia do Caju, ou nas ruas próximas e trabalhando em barcos que fazem ponto no Caju.

<sup>22</sup> Entre outros, citamos, por exemplos, os barcos Cidade de Lisboa, Varzim, Vila do Conde, Cabo Mondego, Sagres, Condestável, Cruzmaltino, D Sebastião, Eça de Queiroz, Lusíadas. Alguns deles são do Caju, outros da praça Quinze

Com efeito, aos portugueses e espanhóis se deve a introdução das rêdes e dos métodos de pesca que hoje caracterizam o núcleo do Caju e alguns outros da Guanabara e essa foi, sem dúvida, a principal contribuição dos pescadores ibéricos para o desenvolvimento da pesca no Brasil.

A fim de melhor apreciar a participação dos pescadores ibéricos na evolução dos processos da pesca empregados no Caju, convém examinar, separadamente, os dois tipos de pescaria entre os quais se reparte a população do núcleo: o "serviço" do camarão e a pesca de traineiras. O primeiro é feito em canoas, nas águas da Guanabara, e a pesca de traineira, destinada, especialmente à obtenção da sardinha, se realiza nas próprias águas da baía, em certo período do ano, mas, sobretudo, ao largo do litoral, desde Macaé (estado do Rio de Janeiro) até a ilha de São Sebastião (estado de São Paulo).

Desde sua origem, o agrupamento de pescadores do Caju tem-se destacado na produção de camarão, destinado ao mercado do Rio de Janeiro. Mercado êsse em rápida expansão, o que justificaria por si só, o crescimento do núcleo em estudo. De fato, somente no ano de 1956, foi registrada no Caju a venda de 329 221 700 quilogramas de camarão, excluindo-se a parte que, sendo entregue, diretamente, aos comerciantes do mercado ou a outros fregueses certos, não pôde ser computada.

Até o final do século passado, o camarão era pescado quase todo com tarrafas, nos arredores do Caju, ou nas ilhas próximas. Usava-se, também, uma espécie de rêde de arrastão (semelhante à rêde de cauda das lagoas litorâneas), presa a dois calões. Eram puxadas por dois homens a pé sobre os fundos rasos do interior da baía. Essa rêde, da qual encontramos referência até cerca de vinte anos atrás nas embocaduras dos rios do recôncavo da Guanabara, era conhecida por alguns pela designação de "candomblo".

Por volta de 1900, já se começava a empregar o balão que, sustentado por dois longos cabos, presos a uma canoa em movimento, propiciava um rendimento bem superior aos processos anteriormente adotados. O mesmo balão continuou a ser utilizado por cinquenta anos, sem que nenhuma inovação fôsse introduzida no "serviço" do camarão.

Somente nos últimos cinco anos, alguns portugueses começaram a empregar, para o camarão, uma pequena rêde de arrasto, em forma de saco, semelhante, em miniatura, às do arrastão de alto mar. Como essas, a princípio, a nova rêde era puxada por duas canoas, a fim de ser mantida aberta sua bôca<sup>23</sup>. Pouco depois, por iniciativa de alguns espanhóis, foram-lhe acrescentadas duas "portas" à semelhança do *otter trawl*, de modo a ser conduzida por uma só embarcação, as portas se mantendo abertas e a bôca escancarada pela fôrça da corrente. Logo adotada por grande número de pescadores, especialmente pelos espanhóis, a "rêde de portas" é atualmente a mais usada nos fundos lodosos de grande parte da baía. Também há cerca de dois a três anos, desta vez por inicia-

<sup>23</sup> Os primeiros arrastões de alto mar, conhecidos no Brasil como "parelhas" eram puxados, também, por duas embarcações, mas o que veio a se generalizar foi o *otter trawl*, no qual duas enormes portas mantêm o saco na posição devida.

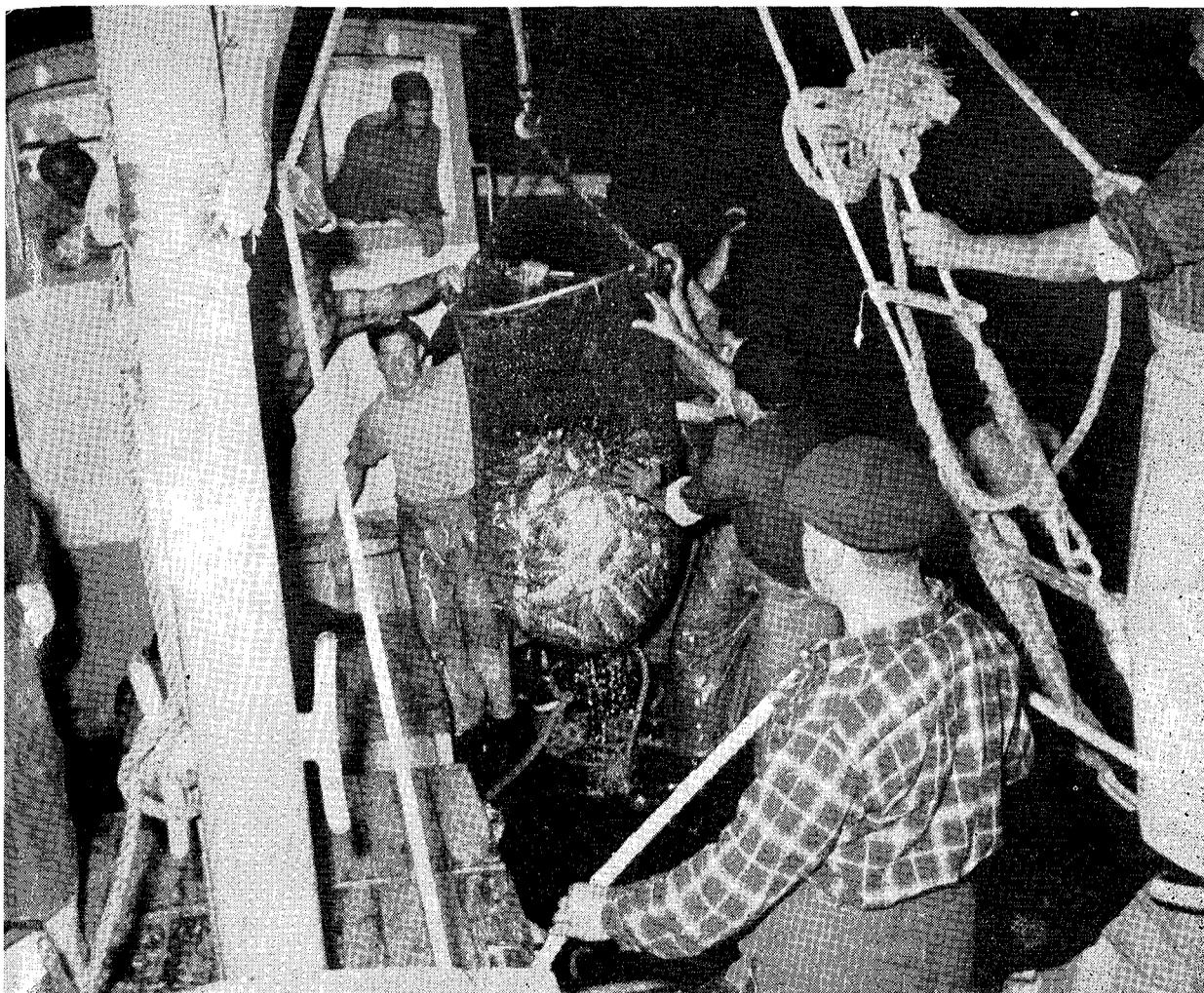


Fig 13 — Na traineira da figura anterior ao ser recolhido o pescado para bordo Foto Hans Mann (gentileza do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil)

tiva de portugueses, passou a ser empregada, uma outra rêde de arrasto, esta aparentada ao primitivo arrastão de fundo (a *beam-trawl* que parece não ter sido usada entre nós), tendo à bôca uma armação de ferro que a sustenta aberta. Essa rêde é preferida onde os fundos são pedregosos, pois tem na base um longo pau destinado a proteger o saco, que assim não se rasga.

É conhecida no Caju como “mancinho” ou “rêde de arco<sup>24</sup>”.

A introdução dêsses novos tipos de rêdes provocou, nos dois últimos anos, uma verdadeira revolução na vida do núcleo de pesca do Caju. Com efeito, seu rendimento, sendo muito superior ao obtido com o tradicional balão, o “serviço” do camarão passou a ser um bom negócio,

<sup>24</sup> Segundo informações dos pescadores, essa rêde tem sido empregada há vários decênios para a pesca do camarão na embocadura do Tejo. O fato de predominarem entre os pescadores imigrados para o Caju os do litoral norte, afeitos à pesca de alto mar, sobretudo, talvez explique essa demora na introdução do referido aparelho.

atraindo, mesmo, muita gente que até então só cuidava de traineiras. Em poucos anos, multiplicaram-se as rêdes de porta e de mancinho, hoje cêrca de duzentas. Ao mesmo tempo, desapareciam do Caju, quase completamente os balões, dos quais subsistem, ao que parece, apenas uns dez. Nos outros núcleos do interior da Guanabara, com exceção das ilhas do Governador e da Conceição, mesmo em Inhauma e Maria Angu, continua o balão a ser o principal meio de obter o camarão.

Brasileiros, portugueses e espanhóis, quase todos empregam hoje as novas rêdes, fabricadas no local por pessoas que nisso se especializaram, ou então pelo próprios pescadores, no caso dos espanhóis. É interessante notar a rapidez com a qual se efetuou essa transformação, pois, apenas três anos se passaram da introdução das duas rêdes de portas e de arco. Sendo os lucros muito mais compensadores, não houve reação dos velhos pescadores, a não ser pelo fato de serem essas novas rêdes utilizadas à noite, enquanto que o balão era usado em pleno dia. Quando muito, alguns poucos continuam a empregar o balão, ou, então, preferem deixar aos filhos a tarefa de realizar a pescaria

Pela madrugada, voltam as canoas — cêrca de duzentas — com o resultado da noite de trabalho e, sendo o tempo bom, é êle sempre compensador<sup>25</sup>. No verão, sobretudo em janeiro, há mesmo quem largue os barcos de traineira, para tentar a sorte nos fundos lodosos da baía.

Além de importante centro de pesca do camarão, o Caju é também o principal núcleo de traineiras da Guanabara. A pesca da sardinha não tinha, aí, importância quase nenhuma até o fim do século passado. Nela eram utilizados vários aparelhos, mas nenhum dêles se generalizou. Além da tarrafa, o processo mais usual era o de “alvitranas”, uma espécie de cêrco de emalhar<sup>26</sup>.

No final da primeira década do século atual é que apareceu pela primeira vez no Caju uma rêde de traineira, introduzida por pescadores espanhóis<sup>27</sup>. Essa rêde era muito empregada na costa norte da Espanha e também na França, no litoral do gôlfo da Gasconha. Em Portugal, existe mas não é muito antiga. O primeiro a empregá-la no Caju trouxe uma rêde pronta da Espanha e diante do sucesso por êle alcançado, logo outros o imitaram, encomendando naquele país os panos para a confecção das rêdes. Por vários anos, as traineiras foram monopólio de dois ou três espanhóis<sup>28</sup>, mas logo depois alguns portugueses se dispuse-

<sup>25</sup> O camarão não é vendido no Entreposto e sim no próprio Caju, em um ponto da antiga praia do Retiro Saudoso, hoje rua Carlos Seidl. Quando, no tempo quente, a pescaria é mais abundante, obtêm-se lucros maiores, mas mesmo no inverno, o serviço do camarão compensa, porque os preços pagos por êle são então mais elevados.

<sup>26</sup> Cercada a manta de sardinhas, batia-se com a poita na água e o peixe, assustando-se, ficava emalhado. O cêrco, como é feito em Portugal, nunca foi empregado aqui. Também a rêde de espera de emalhar (sardinha) foi experimentada, mas não chegou a ser adotada.

<sup>27</sup> A traineira é uma grande rêde de cêrco que fecha na base como um sacco, sendo usada para a pesca da sardinha e de outros peixes.

<sup>28</sup> Alberto A. GONÇALVES — “Ensaio sôbre a sardinha verdadeira do litoral, as baías e enseadas do estado do Rio e Distrito Federal”. *Primeiro Congresso Nacional de Pesca*, vol. *Anexos*, pp 273-311, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

ram a encomendar essas rêdes, ainda na Espanha, pois não havia fábrica das mesma em Portugal. Mais tarde, passaram elas a ser importadas de Portugal e mesmo do Japão. Atualmente, há em São Paulo uma fábrica dessas rêdes, pertencendo, aliás, a um espanhol.

Pouco a pouco, o novo processo foi-se difundindo e os barcos a motor passaram a ser utilizados para êsse tipo de pesca. Contudo, até 1930

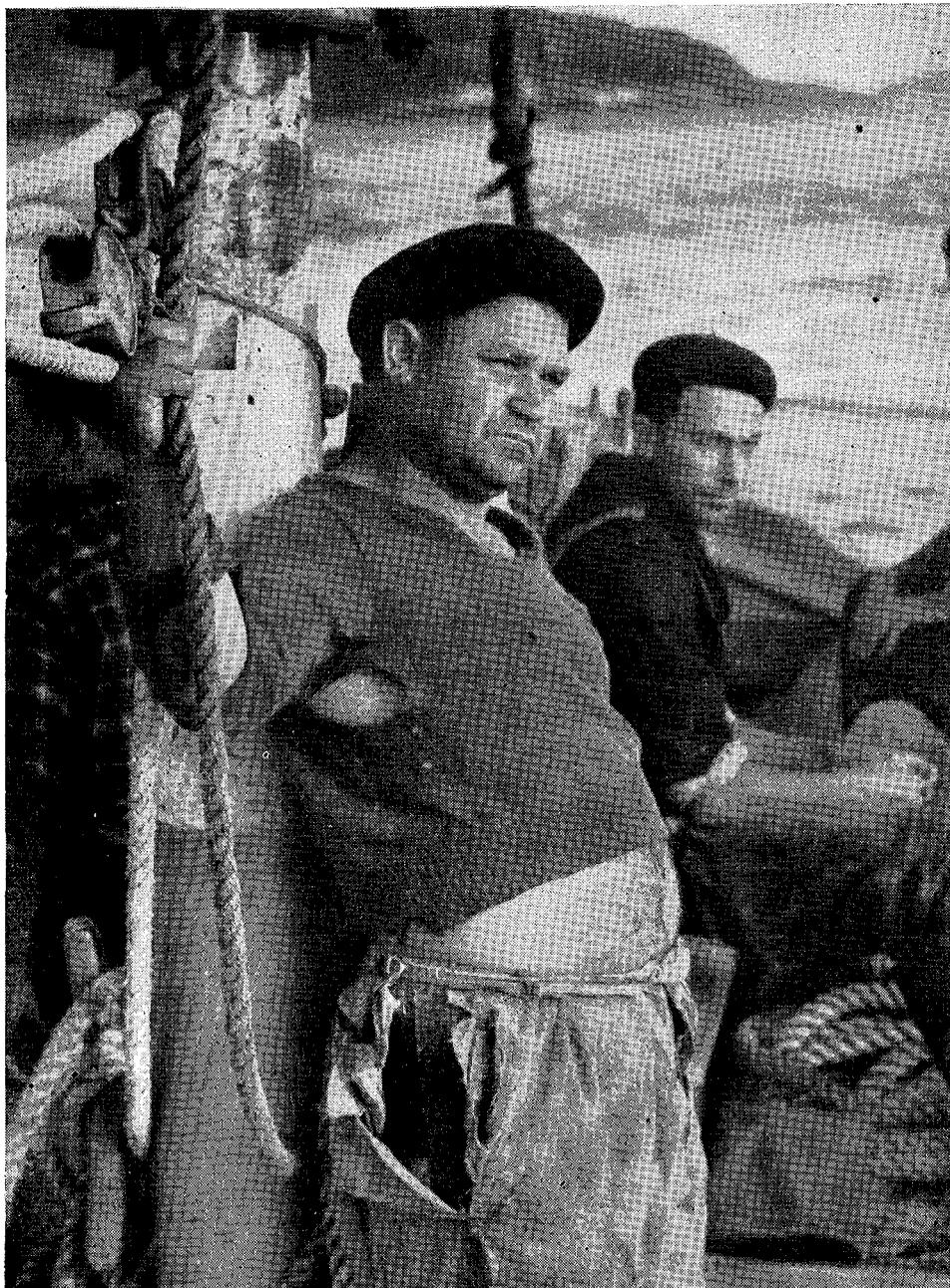


Fig 14 — Tipo de pescador do Caju, a bordo da traineira que pela manhã regressa à Guanabara. Muitos membros da "companhia" dessa e de outras traineiras são portugueses. Foto Hans (gentileza do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil)

ainda predominavam na pesca de traineiras os barcos a remo. Foi com a criação do Entrepasto da Pesca e das fábricas de sardinha em conserva que tomou maior impulso êsse sistema de pesca, tornando-se compensadora a aquisição de motores<sup>29</sup>. Paulatinamente, foram sendo utilizados barcos de maior potência e rêdes de maior tamanho. Hoje em dia, há diversas traineiras com motores de 100 e até 120 H P., variando a tripulação, curiosamente denominada "companha", de 12 a 22 ou 24 pessoas.

No serviço das traineiras como no do camarão, há trabalho o ano inteiro. No verão, há muita abundância de sardinha ao largo da Guanabara e as traineiras não precisam ir muito além das ilhas Maricá ou de Sepetiba. No inverno, porém, as sardinhas desaparecem dêsse trecho do litoral, mas são encontradas em grande quantidade mais ao norte, na costa ao largo de Macaé, ou então no litoral da Ilha Grande ou de São Sebastião<sup>30</sup>. Além de sardinha e outros peixes, capturam, também, nessa época as tainhas.

Fazem parte da "companha" das traineiras, atualmente, muito poucos espanhóis. Há, sobretudo, brasileiros, procedentes das áreas litorâneas até onde elas vão ter e também portugueses ou filhos de portugueses, de longa data estabelecidos no Caju. A tripulação não é fixa, para cada barco, variando bastante, aliás, seja na sua composição, seja no seu número, pois, não raro, quando é época de maior fartura de camarão, chega a haver falta de homens para compor a companha das traineiras.

Dêsse modo, embora se trate de duas atividades perfeitamente distintas, uma desenvolvida nas águas da baía e a outra ao largo, fora da barra, e mesmo coincidindo a época de maior movimento nas duas, não são elas completamente estanques, no que diz respeito ao pessoal empregado. Não há no Caju dois núcleos, um de pesca de camarão e um de traineira e sim uma grande concentração de pescadores, brasileiros e estrangeiros, formando uma comunidade na qual os portugueses e também os espanhóis têm papel de destaque.

Embora os brasileiros sejam hoje mais numerosos, não se reduziu a importância do grupo dos ibéricos no Caju. A êles se deve não apenas a origem do núcleo e sua primeira expansão em face da introdução das traineiras mas, também, sua mais recente fase de crescimento, conseqüência da verdadeira revolução provocada com as novas rêdes empregadas no serviço do camarão.

<sup>29</sup> As facilidades de pagamento oferecidas pelos representantes das firmas européias que vendiam os motores contribuíram para a difusão rápida de seu emprêgo na década de 1930.

<sup>30</sup> Não é por falta de peixe que é duia a vida dos pescadores, dizem êles, queixando-se dos preços e sistemas de pagamento das fábricas de conserva.

## SUMMARY

In "Ponta do Caju's fishermen Aspects of Portuguese and Spanish contribution to the development of fishing in Guanabara Bay", by L M C BERNARDES it is examined the importance of portuguese contribution to the formation and development of the nucleus that nowadays has more than one thousand inhabitants

Situated entirely in Rio de Janeiro City, in a small part of land that only now is being reached by urbanism, this wide nucleus where the shrimp fishing is practiced counts with a high percentage of elements coming from the centre and north of Portugal. However the technics employed are not those from their origin places, as in its majority, they come from the traditional fishing centres where it is not usual the "traineiras" process. On the other hand there is among them an appreciable number of fishermen that in Portugal didn't live on fishing but on agriculture. This kind of transformation is unknown in that country.

It is analysed by the author not only the origin of the nucleus and their occupants but also the adopted technics.

The "traineiras" fishing and the shrimp fishing are the principal activities. The first asks for greater capitals for it needs strong boats, big nets and a great number of people. Many of the "traineiras" from Caju belong to the residents of the nucleus, other ones to persons who contribute only with the capital receiving part of the profit.

The shrimp fishing is accomplished in the bay by little boats and only two persons and smaller nets are required. Nowadays they are using nets called "de portais e de arco" the traditional "balão" being given up the work is much more profitable.

This is explained by the higher life level of the Brazilian nucleus what becomes an attraction for those elements came from agricultural zones.

In a general way the fishing centre of Caju as well as those of Praça Quinze de Novembro (in Rio de Janeiro) and Niterói represent for the fishermen from the centre and North of Portugal, exactly the same as the ones of modern fishing from Matozinhos, Viana do Castelo and others. To these places the fishermen migrate without their families in order to save money after what they come back to their native place. Sometimes the life seeming easier and safer in these regions they remain there where they sent for their families and even constitute family.

In this way we can observe not only in Rio de Janeiro as well as in Belém do Pará, Rio Grande and other Brazilian ports a true Portuguese fishermen centre living closely together, although they come from various different places.

## RÉSUMÉ

En "Pêcheurs de la Ponta do Caju Aspects de la contribution des Portugais et des Espagnols au développement de la pêche à la baie de Guanabara", l'auteur L M C BERNARDES nous montre l'importance de la contribution portugaise à la formation et au développement de ce centre, qui possède actuellement plus de mil habitants. S'étant fixé en pleine ville de Rio de Janeiro, sur une pointe de terre que l'urbanisation vient d'atteindre, il y a en ce groupe de pêche d'écrevisse et de "chalutage" un pourcentage très élevé d'éléments venus de la partie centrale et septentrionale du Portugal. Cependant originaires des centres de pêche traditionnels où le "chalutage" n'est pas usuel, leurs techniques actuelles diffèrent de celles de leur pays. D'autre part il y a parmi eux en grand nombre qui, au Portugal travaillaient à l'agriculture et non à la pêche. Ce changement d'activité, d'ouvrier agricole en pêcheur, n'existe pas au Portugal.

L'auteur passe alors à l'analyse des techniques du groupe.

La pêche de la "chalutage" est avec celle de l'écrevisse la principale activité. La première, exigeant des embarcations puissantes, de très grands filets et un groupe nombreux, doit disposer de grands capitaux. Beaucoup de chaluts de Caju appartiennent à des pêcheurs qui font partie du groupe, d'autres à des personnes qui ont simplement donné une certaine somme d'argent, ayant ainsi droit à une partie des lucres. Au contraire, la pêche de l'écrevisse faite, dans la baie de Rio de Janeiro, en des petites embarcations et avec des filets plus petits demande seulement le concours de deux personnes. Avec l'emploi depuis quelques années des filets de "porass" et de "arco" on a pratiquement abandonné le traditionnel "balão" le revenu est aujourd'hui beaucoup plus compensateur.

On peut comprendre ainsi que le niveau de vie soit incomparablement plus élevé au centre brésilien du Caju et que pour cette raison il soit recherché par des éléments les plus divers et même par ceux des régions agricoles.

En principe les pêcheurs du centre et du nord de Portugal considèrent le centre de la "Ponta do Caju", ainsi que celui de la "Praça Quinze" (Rio de Janeiro) et ceux de "Niterói" semblables aux centres de pêche modernisée de Matozinhos, Viana do Castelo, etc. Ils émigrent seuls, sans leur famille, pour y venir travailler temporairement, avec l'idée de retourner à leur pays d'origine dès qu'ils auront réussi à épargner une certaine somme d'argent. Mais attirés parfois par la vie plus facile et plus sûre ils ne retournent plus au Portugal, se marient au Brésil ou font venir de la Patrie leur propre famille.

Ainsi s'est constitué à Rio de Janeiro comme, en plus petite échelle, à Belém do Pará, Rio Grande ou autres ports brésiliens une authentique colonie de pêcheurs portugais qui vivent en groupes quoiqu'ils soient de provenances les plus diverses.